Desaceleração do agronegócio

» SACHA CALMON
Advogado

Para Rafael Walendoff, que dá ótimas informações para o Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio, que envolve toda a cadeia antes e depois da porteira, a estimativa da Confederação Nacional da Agricultura (CNA) é de crescimento de 9,4% em 2021 — número alto, ante a elevação de 24,3% em 2020 influenciado pelo peso do aumento de custos de produção de insumos e serviços. Em 2022, a previsão é de avanço de 3% a 5%, em meio às incertezas no cenário econômico. As exportações deverão se manter aquecidas, com a China como principal destino, aqui Bolsonaro só atrapalhou.

"Não foi o ano que esperávamos, mas foi razoável", disse o presidente da CNA, João Martins. A frustração foi motivada pelo clima, que limitou a colheita de grãos. Ele também lamentou as críticas aos produtores por causa dos preços dos alimentos e manteve o otimismo de que o país alcançará uma produção de grãos da ordem de 300 milhões de toneladas em até três anos. A previsão para esse ciclo (2021/22) é atingir 289,8 milhões de toneladas. "O povo tem que saber que não existe processo especulativo por parte do produtor rural, que ele não determina o preço", afirmou.

O diretor técnico da entidade, Bruno Lucchi, acredita que o último trimestre deste ano já deverá apresentar números mais satisfatórios para o campo. O clima deve favorecer, apesar das preocupações no Rio Grande do Sul e no oeste do Paraná com os efeitos já sentidos da terceira safra consecutiva de La Ninã. A principal preocupação para 2022 são os custos de produção, que devem ser os maiores da história, puxados pelos aumentos nos preços dos insumos, como fertilizantes, defensivos, combustíveis e até do crédito rural, que ficará mais caro com a elevação dos juros. Para culturas como soja, milho e café, o incremento tende a ultrapassar 60%. Com isso, a margem de lucro será achatada, mas não a ponto de tirar a rentabilidade dos produtores.

"Certamente teremos redução de margem" disse Lucchi. Cada produtor terá que traçar estratégias para aproveitar as janelas para a compra de insumos e a venda da produção com rentabilidade, de olho no câmbio e no clima. O desafio será maior no plantio da segunda safra nos próximos meses, uma vez que os produtores ainda não compraram todos os insumos. Muitos devem rever as análises de solo para calibrar a adubação, mas não há possibilidade de falta de fertilizantes ou defensivos no campo.

Sem solução de curto prazo, a entidade defende incentivos à indústria de fertilizantes para expandir a produção doméstica. No caso dos defensivos, a aposta é em um projeto de lei para permitir a importação direta de agrotóxicos de países de Mercosul, onde estão mais baratos. As exportações do agronegócio brasileiro renderam US$ 110,7 bilhões de janeiro a novembro de 2021, um crescimento de 18,4% em relação ao ano passado. O avanço foi puxado pelo câmbio favorável e por preços elevados, uma vez que o volume das vendas registrou diminuição de 6,5%.

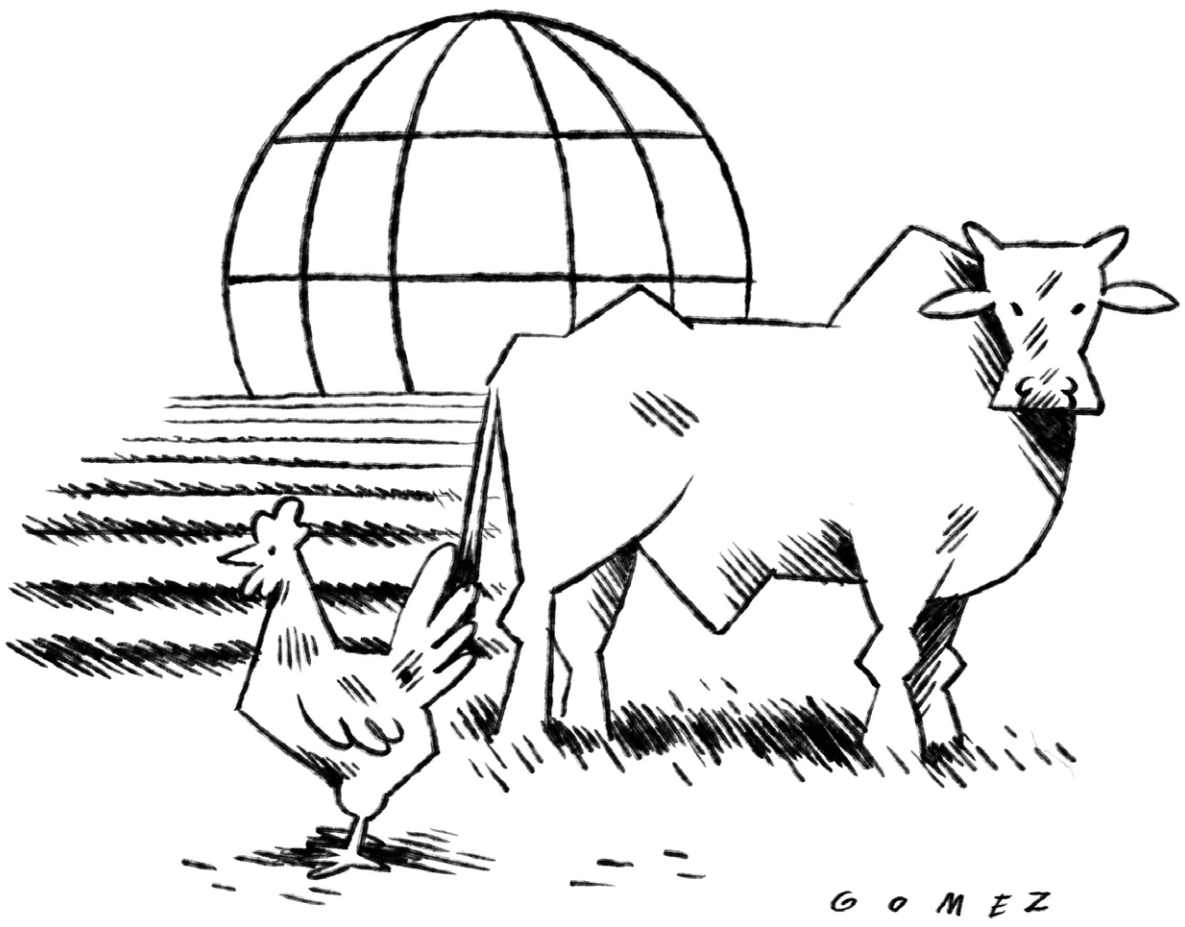
Considerada uma jogada comercial pelo presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), João Martins, nem a suspensão das exportações de carne bovina brasileira para a China, que já dura mais de três meses, impediu o novo recorde da balança do setor. "Não foi problema sanitário. Ao contrário, eles sabem disso. O que houve foi uma jogada de mercado (...) A China esperava que o preço do boi fosse cair e prorrogou o embargo", afirmou.

O impasse comercial é considerado "normal" pela diretora de Relações Internacionais da CNA, Lígia Dutra. A lição a ser tirada do episódio, segundo ela, é a necessidade de aproximação maior com os clientes. "A China ainda é uma grande desconhecida", afirmou "Temos uma presença desproporcional no país, pelo tanto que a gente vende. Temos que ser mais presentes", emendou.

Sem as compras chinesas, o Brasil ampliou as exportações de carne de gado para outros destinos, como Estados Unidos e Chile. A diversificação de produtos e destinos ainda é uma meta perseguida pela CNA para ampliar a fatia de 1% que o país detém do comércio mundial. O foco é o mercado asiático e a construção de acordos bilaterais. "Não é falta de demanda, é falta de oferta, de ter a pauta mais diversificada", completou Lígia.

Ano positivo em 2022, acredita a CNA. Mas será preciso acompanhar o desenrolar da pandemia e os possíveis reflexos no transporte marítimo, os gargalos logísticos, a menor oferta global de insumos e o protecionismo crescente — ligado principalmente a temas ambientais, que estarão cada vez mais presentes na pauta do comércio internacional na Europa.

"Muitos países estão colocando normas unilaterais, mas não se engajam em discussões multilaterais sérias, como na OMC (Organização Mundial do Comércio), em questões que impactam a sustentabilidade", criticou Lígia Dutra. Uma dessas discussões envolve a redução dos subsídios agrícolas distorcivos.



O casamento que salvou a família

» JAIME PINSKY
Historiador, professor titular da Unicamp, doutor e livre docente da USP

Certas histórias de família são tão exemplares, mesmo que, nos detalhes, pareçam muito particulares, que vale a pena contá-las. Seguramente, muitos leitores saberão de casos semelhantes ocorridos entre seus ancestrais. Este é um episódio vivido pelos meus.

A vida da família Kahn nos anos 1920, em Alytus, Lituânia, foi melhorando à medida que os filhos iam crescendo. Como se dizia, para alimentar cada boca havia dois braços trabalhando. A família produzia leite e verduras na pequena gleba arrendada e toda a produção era vendida para ser utilizada por residentes das colônias de tuberculosos da cidade. Não que algumas doenças não acometessem este ou aquele, mas, em uma época em que parte substancial das crianças não chegava à adolescência, todos os filhos de dona Sara "vingaram" e vão aparecer em foto familiar, tirada em 1929 ou 1930, saudáveis e com ótima aparência.

A região era conhecida por ter surtos relevantes de tuberculose. Para se ter uma ideia, em levantamento feito na importante cidade de Kaunas, a uma hora de Alytus, entre alunos de 7 a 14 anos de idade, foi constatado que 80% deles eram portadores de tuberculose. Enquanto isso, dona Sara, viúva, responsável por nove filhos, conseguiu que todos sobrevivessem.

Há poucos relatos sobre o dia a dia da família nessa época, mas sabe-se que ela respeitava profundamente a cultura judaica, embora não se tratasse de gente muito religiosa. Vários filhos começaram a frequentar movimento juvenil sionista, particularmente o Hashomer Hatzair (Jovens Sentinelas) que pregava, junto com a vida em um kibutz em Israel, uma insubordinação aos dogmas religiosos, tanto os relativos à alimentação e à sexualidade, quanto aos ritos praticados na sinagoga.

Shlomó liderava o grupo dos filhos "esquerdistas". Fermina e Israel apoiavam suas ideias. Luiza, embora muito jovem, seguia o pensamento de Shlomó e frequentava o Hashomer. Enquanto o irmão, por temperamento, questionava publicamente as práticas conservadoras da comunidade, ela, dotada de muita inteligência social, procurava estender uma ponte entre as diferentes concepções. Mas, muitos anos depois, ela ainda se lembraria e cantaria para os filhos algumas marchas revolucionárias aprendidas nas reuniões do grupo sionista.

A família, numerosa, se bastava em muitos aspectos. Ela não demonstrava, publicamente, eventuais fissuras internas. Não se abria muito para fora, nem para a comunidade judaica, menos ainda para os lituanos cristãos. O desprezo com que os judeus eram tratados pelos não judeus, o incitamento antissemita nas igrejas e na escola não eram, de resto, fatores favoráveis a uma interação.

No final dos anos 1920, começaram a aparecer pequenos sinais assustadores. Mesmo vivendo agora com certo conforto, a família não deixou de observá-los: tentativas de boicote aos comerciantes judeus, "brincadeiras" cada vez mais pesadas com as crianças que frequentavam a escola estatal, vizinhos que passavam e "se esqueciam" de cumprimentar. Uma onda nacionalista varria então a Lituânia e os judeus, mesmo os que lá viviam havia seis ou sete séculos, passaram a ser considerados estrangeiros, tanto quanto os russos e os alemães. Avoluma-se a emigração para a América, para a África do Sul. A vida material não está ruim, mas, sabe-se lá o dia de amanhã...

Minha avó troca cartas com o irmão Jacob, que tinha emigrado para os Estados Unidos, quando esse país ainda recebia imigrantes judeus da Europa Oriental. Ele a aconselha a abandonar a Lituânia, mas não consegue os papéis para que a irmã entre na América. Vovó Sara troca ideias com a irmã e esta diz que também não conseguira um visto para os Estados Unidos, mas que decidira emigrar para o Brasil, que diziam ser um país com muito futuro.

Chane tem uma ideia: Que tal casar meu filho Shepsl (Simão, no Brasil) com uma prima, das muitas filhas que a irmã tem? Isso resolveria o problema de Shepsl, que já está em idade de casar. Assim ele viajaria com esposa. E poderia ajudar a família Kahn a tomar uma decisão: a noiva escolhida mandaria, do Brasil, informações de como é o país e a turma resolveria se valia a pena tirar, de uma vez, todo o mundo da Lituânia e ir para um lugar novo, sem tradição de antissemitismo.

Vovó Sara gosta da ideia da irmã. Resta definir qual das cinco filhas se casará com o primo. As duas pequenas ficariam fora da lista, mas ainda restavam três. Decidiu-se consultar as possíveis candidatas. Fermina ri muito com a ideia, ela quer alguém mais culto. Sobram Ester e Ana. Esta, por ser a mais velha, tem a preferência, e aceita o casamento de risco.

O rapaz aparece na casa dos Kahn. Quieto, muito sério. As meninas menores riem da irmã, que tenta fazer cara de séria, não é mais uma simples irmãzinha, é uma noiva. Os dois se casam. Ana, agora, pertence à família Kumpinski e parte para o Brasil.

Olhando para o acontecimento, quase um século depois, fico a pensar que esse casamento arranjado, estranho, sem amor, entre primos de primeiro grau, no final das contas salvou toda a família. Alguns indícios da tragédia que se abateria sobre todo o povo judeu havia sido captado pelas irmãs. Menos de um ano depois do enlace, minha avó, com os filhos, viria para o Brasil. A mudança de país fez com que a história dos Abelov (sobrenome de solteira da minha avó), dos Kumpinski e dos Kahn não acabasse em 1941, quando terminou, por conta dos nazistas, a história de seis séculos dos judeus de Alytus.

Meio ambiente sem qualidade é desumano

» DIOCLÉCIO CAMPOS JÚNIOR
Médico, professor emérito da UnB, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, membro titular da Academia Brasileira de Pediatria, ex-presidente do Global Pediatric Education Consortium (Gpec)
Email: *dicamposjr@gmail.com*

Viver num meio ambiente de qualidade é direito que deve ser assegurado a todos os seres humanos habitantes do planeta. Trata-se de condição que não pode ser privilégio de poucos, mas padrão existencial de todos e de cada um.

Com efeito, o meio ambiente saudável é o requisito para uma existência solidamente baseada no bem-estar físico, mental e social que o organismo humano requer para funcionar com harmonia e assegurar um perfil comprometido com os valores mentais diferenciados em favor da humanidade.

A personalidade de um indivíduo resulta, essencialmente, da interação com os fatores do meio ambiente que, se bem qualificados, estimulam o padrão do crescimento e desenvolvimento do organismo nas etapas de maior vulnerabilidade da espécie, quais sejam a infância e a adolescência. Trata-se de contexto ecológico que tem sido plenamente desprezado quanto ao efeito gerador da inteligência das pessoas.

Na verdade, a era da industrialização passou a promover grandes estragos ambientais que não cessam de aumentar. De fato, como decorrência das características dessa era, a maior parte da população mundial foi improvisadamente urbanizada por meio de moradias aglomeradas que entulham os espaços urbanos. Ademais, o trânsito de veículos automotores ocupa atualmente a maior parte das cidades. O número de automóveis no mundo de hoje é de cerca de 2 bilhões. Como consequência, boa parte da superfície do planeta está asfaltada, o que altera radicalmente as condições ambientais. Por seu lado, o comércio tomou conta da maioria dos bairros impondo suas propagandas aos consumidores, cujo comportamento aquisitivo é condicionado.

Esse cenário do chamado progresso tecnológico é incompatível com um meio ambiente saudável. Inviabiliza-se assim o bem-estar físico, mental e social dos habitantes das cidades, que é a síntese do conceito de saúde.

Na verdade, os espaços urbanos não foram jamais tão poluídos como atualmente. Além da poluição atmosférica causada pela fumaça que os veículos produzem, avança a poluição sonora por ruídos de alto volume que vêm das frotas de carros e motocicletas nos espaços em que circulam.

Assim, o ar da cidade vai se tornando irrespirável e os sons inaudíveis pela perda auditiva que produzem. Dessa maneira, a saúde das populações é exposta a várias modalidades de agravos cuja dimensão se torna preocupante e requer medidas que recuperem as qualidades do meio ambiente.

A avaliação do impacto da poluição atmosférica na saúde das pessoas, sobretudo pelo uso de combustíveis fósseis, tais como carvão e petróleo, revela gravidade potencial que precisa ser prevenida. Outro exemplo de poluição do ar que se respira é o tabagismo que tomou conta do mundo.

Com sólidas evidências científicas, esses poluentes atmosféricos são causas de doenças potencialmente graves, tais como câncer do pulmão; doença pulmonar obstrutiva crônica (Dpoc); asma e acidente vascular cerebral. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, atualmente 90% das pessoas no mundo estão expostas à poluição atmosférica, que tem causado cerca de 7 milhões de mortes por ano. Assim sendo, esse é o preço que a humanidade está pagando passivamente pelo ilusório progresso tecnológico que contamina o planeta.

No que concerne à poluição sonora urbana, os principais impactos sobre a saúde das pessoas, particularmente das crianças, são cada vez mais evidentes. Um deles é a perda progressiva da audição, que atinge trabalhadores de indústrias nas quais o barulho é ensurdecedor. Já as crianças pagam caro por viverem em ambiente no qual a poluição sonora é elevada e constante, desde a vida intrauterina. Além de serem mais atingidas pela obesidade, ao longo da infância, podem também ter audição reduzida. Seu desempenho escolar será assim prejudicado, principalmente porque a escola que frequentam funciona num ambiente de poluição sonora.

Estudo feito no Canadá mostrou que, naquele país, 16% das escolas públicas estão instaladas a menos de 75 metros de alguma via de pesada e ruidosa circulação de veículos. O impacto sobre os estudantes afeta assim sua capacidade de aprendizagem.

Outra morbidade produzida pela poluição sonora é o estresse crônico que, no adulto, pode causar hipertensão arterial e na criança a síndrome de deficit de atenção e hiperatividade. Em síntese, sem um meio ambiente de qualidade, não há como reverter ambas as pandemias da poluição, atmosférica ou sonora, que ameaçam a vida da espécie no planeta.